

ANA ÁVILA MELO
Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
anaavilamelo@gmail.com

A INVISIBILIDADE FEMININA – UMA LONGA NARRATIVA

WOMEN’S INVISIBILITY – A LONG NARRATIVE¹

“Conimbriga” LIV (2015) p. 45-79

http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_54_3

RESUMO: É longa a “ausência”, social e politicamente construída, das mulheres na História. Esta falsa ausência não é mais do que uma invisibilidade forçada do papel e da presença femininas como ser ativo em todas as áreas da sociedade – económica, política, social, cultural e simbólica/discursiva.

Num mundo em rápida mudança, poder-se-á argumentar que as mulheres já têm um peso e importância significativos na sociedade, mas será real? A visibilidade feminina dos nossos dias corresponde, de facto, à sua dimensão económica, social, académica, cultural e política?

Os Estudos Feministas e de Género, que se têm vindo a impor e consolidar nas últimas décadas na Europa e na América, continuam a denunciar a invisibilidade do papel científico das Mulheres, em todas as áreas do conhecimento – a arqueologia não é, portanto, excepção. Em Portugal, nos anos que se seguiram ao 25 de Abril de 1974 e até ao dia de hoje, muitas foram as portas que as mulheres abriram na sociedade portuguesa e a arqueologia

¹ Este artigo corresponde, com algumas modificações, à comunicação apresentada no Seminário “A Arqueologia em Portugal sob o Signo da Mulher entre a sombra e a cátedra” organizado pela Secção de Arqueologia da SGL, no âmbito das comemorações dos 40 anos do 25 de Abril de 1974.

foi uma delas. Reflitamos pois nestas questões, tendo em conta a realidade histórica que as enquadróu e os condicionalismos da era da globalização que se adapta e molda o panorama das nossas próprias especificidades enquanto colectivo – Mulheres cientistas e arqueólogas no dealbar deste novo milénio.

PALAVRAS-CHAVE: invisibilidade feminina; Estudos de Género; Feminismos; Arqueologia Pré-histórica; História da Arqueologia

ABSTRACT: The idea of a social and political absence of women in History comes from afar. However, this absence is, in fact, an ideological construction, due to the invisibility imposed on women, which has relegated them to a passive role in symbolic areas spanning from economy to the very body of discourse.

In a continuously changing world, one might argue that women have now achieved a meaningful presence in all social, economic, artistic and scientific areas. And yet, a question remains to be answered: does the public visibility of women nowadays actually find a correspondence in the scientific, and academic fields? Furthermore, what is their actual impact in these fields?

In Academia, Feminist, Women and Gender Studies have been making a major contribution in exposing and scrutinizing that invisibility in all areas of knowledge – Archeology being no exception. In the case of Portugal, starting in the years immediately following the Revolution of 1974, women have been increasingly taking part in all fields of research Archeology being one of the most important and intellectually challenging one. Hence the urgency of reflecting on how historical restrictions framing women's work in Archeology have been fought and overcome. In the dawn of this new millennium and this era of globalization, it is crucial to understand these efforts in light of the collective of women archeologists.

KEYWORDS: Invisibility in women; Gender and Women Studies; Feminisms; Prehistory; History of Archaeology

A INVISIBILIDADE FEMININA – UMA LONGA NARRATIVA

1. Introdução

No ano em que se comemoram 40 anos da revolução de Abril, acontecimento na história do nosso país que maior transformação trouxe à condição feminina – no plano jurídico, económico, social e político – fará sentido ainda falarmos de “invisibilidade feminina”?

Os anos da ditadura foram marcados pela contestação e por vezes que se fizeram ouvir, apesar da censura e repressão, como a de Sophia de Mello Breyner, nome maior da poesia portuguesa do século XX. Tão recordados ao longo deste ano de comemorações foram os seus versos “esta é a madrugada que eu esperava”, escrito para celebrar a revolução. Em 1962, porém, a realidade era outra e a voz de Sophia de Mello Breyner, no seu Livro Sexto, e em poemas como “O Velho Abutre”² ou “O Super-Homem” – numa clara alusão ao ditador que então conduzia o destino do nosso país – exprime bem a revolta contra a opressão que se fazia sentir e que era transversal a todos os sectores da sociedade portuguesa.

Nesse distante ano de 1962, mulheres e homens opositores do regime do “velho abutre” concentravam os seus esforços na luta pelo direito de cidadania que chegou, para todos, em 1974 e, sobretudo, com a Constituição de 1976. As mulheres portuguesas agarraram todas as oportunidades que a revolução lhes trouxe, mas será que têm o reconhecimento e a visibilidade proporcional ao papel que desempenham na nossa sociedade? Não o creio... A “invisibilidade feminina” tem uma longa narrativa que não se restringe à fronteira portuguesa nem

² “O velho abutre é sábio e alisa as suas penas
A podridão lhe agrada e seus discursos
Têm o dom de tornar as almas mais pequenas”

às vicissitudes da nossa história recente. É um longo e espesso manto, como uma manhã de nevoeiro, que se abate sobre todas as descobertas e progressos científicos que emanam diretamente das mulheres e que as podem projetar para fora da esfera do privado.

No distante ano de 1818³, no seu romance *Northanger Abbey*, Jane Austen, pela voz de Catherine, uma das suas personagens femininas, afirmava que “History, real solemn history, I cannot be interested in.... I read it as a duty, but it tells me nothing that does not either vex or weary me. The quarrels of popes and kings, with wars and pestilences in every page; the men all so good for nothing, and hardly any women at all...” (Austen 1818: 103). Com uma profunda clarividência que a projetou muito para além da sua época, Jane Austen declarou peremptoriamente aquilo que, quase duzentos anos depois, ainda é objecto de debate – as mulheres, que constituem mais de metade da humanidade, não têm feito parte da sua história oficial. A presença e o papel das mulheres não tem sido mencionado de *per se*, apenas como um *fait divers* ou um complemento de informação relativamente a episódios ou feitos notáveis de heróis e figuras históricas masculinas. É sobre esta invisibilidade feminina na História oficial da Humanidade, tão bem retratada por Jane Austen, que me vou debruçar.

2. As três vagas do Feminismo

Aquilo que hoje designamos por Feminismo ou, para sermos mais precisas, Feminismos, enquanto movimento político e social pelo reconhecimento dos direitos das mulheres teve o seu início no Iluminismo e numa Europa transformada pelos efeitos da Revolução Francesa. Foi um longo caminho percorrido até aos nossos dias, numa dinâmica de longa duração – daí falar em Feminismos e suas “vagas” – que continuamente se altera, transforma e reajusta neste mundo do capitalismo avançado e das sociedades pós-coloniais em que vivemos. Podemos, pois, falar de três grandes vagas do feminismo – a primeira, corresponde à luta pela igualdade jurídica; a segunda, ao reconhecimento da diferença e a terceira à desconstrução de identidades e papéis sociais.

³ A primeira edição desta obra data de 1818, sendo, portanto, uma obra póstuma. Jane Austen falecera a 18 de Julho de 1817.

2.1. A primeira vaga

A primeira vaga do feminismo, caracterizada sobretudo pela luta pela igualdade de direitos entre os dois sexos, surge na Europa ocidental após a Revolução Francesa em 1789, acontecimento marcante na História da Europa ocidental e estruturante do conceito de “Mundo Ocidental” – Europa e América do Norte – tal como hoje em dia o entendemos.

É evidente que a tomada de consciência da desigualdade de direitos entre homens e mulheres não surge, abruptamente, *ad nihilo*. Houve, certamente, um longo percurso para chegar à consciência dessa desigualdade de direitos. Serão mulheres escritoras as primeiras a contestar e reivindicar o acesso das mulheres à educação e a igualdade de direitos entre os dois sexos. Com o eclodir da Revolução Francesa, em 1789, cria-se uma conjuntura propícia a essas reivindicações e, em 1791, a luta pela igualdade de direitos teve o seu início – público e simbólico – com a publicação da *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*, apresentada por Olympe de Gouges à Assembleia Nacional. No preâmbulo da *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*, Olympe de Gouges declara que “les mères, le filles, les soeurs, demandent d’être constituées en assemblée nationale. Considèrent que l’ignorance, l’oubli ou le mépris des droits de la femme, sont les seules causes des malheurs publics et de la corruption des gouvernements, ont résolu d’exposer dans une déclaration solennelle, les droits naturels, inaliénables et sacrés de la femme...”⁴, afirmando, no artigo primeiro, que “la femme naît libre et demeure égale à l’homme en droits. Les distinctions sociales ne peuvent être fondées que sur l’utilité commune...”⁵. Olympe de Gouges foi executada pouco tempo depois, em 1793.

⁴ “As mães, as filhas, as irmãs, requerem a admissão na assembleia nacional. Considerando que a ignorância, o esquecimento ou o desprezo dos direitos das mulheres são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção dos governos, decidiram expor numa declaração solene, os direitos naturais, inalienáveis e sagrados da mulher...” Tradução da autora do artigo.

⁵ “A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. As distinções sociais só devem ser instituídas com base no bem comum.” Tradução da autora do artigo.

Quase imediatamente, em 1792, a escritora inglesa Mary Wollstonecraft⁶ publicou em Londres *A Vindication of the Rights of Women*, considerada por muitos a primeira obra teórica sobre a condição feminina. Num longo ensaio dedicado a M. Talleyrand-Périgord, bispo de Autun, e escrito como resposta ao panfleto editado por este último sobre educação pública, Mary Wollstonecraft reivindica o direito das mulheres à educação declarando que “if women are to be excluded, without having a voice, from a participation of the natural rights of mankind, prove first, to ward off the charge of injustice and inconsistency, that they want reason... I have repeatedly asserted, and produced what appeared to me irrefragable arguments drawn from matters of fact, to prove my assertion, that women cannot, by force, be confined to domestic concerns...” (1792: 3).

A transformação da realidade política e das mentalidades trazidas pela Revolução Francesa acabou por “varrer” todo o ocidente europeu e, naturalmente, as reflexões teóricas sobre a condição feminina extravasaram as fronteiras da França.

O percurso foi longo, atravessou dois séculos e abrangeu diversos pontos fundamentais como a igualdade de direitos cívicos e de acesso à educação. Todo o século XIX, na Europa e América do Norte foi marcado pelas vozes de muitas mulheres que reivindicaram o direito a entrar nas universidades e os direitos de cidadania, expresso na possibilidade do exercício eleitoral que lhes estava vedado. Foi no final do século XIX e início do século XX que a luta pelo direito de voto das mulheres mais se intensificou em países como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, ou seja, mais de cem anos depois da publicação da *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* de Olympe de Gouges.

As duas primeiras décadas do século XX, pautadas por acontecimentos como a I Guerra Mundial e a Revolução Russa, permitiram às mulheres a entrada no mercado de trabalho, em diversas profissões liberais, que até então lhes estavam vedadas. Na Europa e América do Norte as mulheres passam a desempenhar um papel ativo na política e na economia – há um aparente esbater da “invisibilidade” social a que estavam votadas. O Feminismo da primeira vaga – a luta pela igualdade

⁶ Mãe de Mary Shelley, a célebre autora e criadora da personagem de Frankenstein.

– tinha chegado ao seu termo para as mulheres europeias e americanas da classe média e, no caso americano, brancas. Mas...

2.2. A segunda vaga

A questão agora era outra – o que significava, de facto, ser mulher? Prenunciando já a segunda vaga do feminismo que vai centrar-se sobretudo na “diferença” (entre mulher e homem) Virginia Woolf, em 1931, num ensaio intitulado *Professions for Women*, pergunta-se o que é ser mulher “what is a woman?”, escrevendo que “I do not believe that anybody can know until she has expressed herself in all the arts and professions open to human skill...” A sua clarividência vai ainda mais longe, quando escreve nesse ensaio que “indeed it will be a long time still, I think, before a woman can sit down to write a book without finding a phantom to be slain, a rock to be dashed against. And if this is so in literature, the freest of all professions for women, how is it in the new professions which you are now for the first time entering?” acrescentando, mais adiante que “it is necessary also to discuss the ends and the aims for which we are fighting, for which we are doing battle with these formidable obstacles. Those aims cannot be taken for granted; they must be perpetually questioned and examined...” (WOOLF 1931: capítulo 27, html). O enunciado de Virginia Woolf sobre o que é ser mulher e a conclusão que apresenta ao afirmar que só será possível sabê-lo quando a mulher se puder expressar em todas as áreas do saber, aponta já para a questão da “diferença”.

Será, porém, a publicação em 1949 do livro de Simone de Beauvoir *Le deuxième sexe* e a sua famosa frase “on ne nait pas femme on le devient” que convencionalmente assinala cronologicamente a segunda vaga do Feminismo. Este conceito “não se nasce mulher, tornamo-nos mulheres” marca a nova trajetória do feminismo – a diferença – de sexo e de género, sendo o género uma construção social e cultural. O feminismo da Segunda Vaga insiste na diferença sexual entre mulheres e homens, rejeitando a noção de uma humanidade comum. A igualdade baseia-se em ser-se igual em relação a um modelo, modelo esse normalmente associado com a masculinidade e com os ideais masculinos. O feminismo da segunda vaga sublinha as diferenças das mulheres e desafia a centralidade dos valores masculinos. Na introdução ao primeiro volume desta obra, Simone de Beauvoir (1964: 24-25) escreve

que “pour prouver l’infériorité de la femme, les antiféministes ont alors mis à contribution non seulement comme naguère la religion, la philosophie, la théologie mais aussi la science: biologie, psychologie expérimentale, etc. Tout au plus consentait-on à accorder à l’autre sexe «l’égalité dans la différence»... quand un individu ou un groupe d’individus est maintenu en situation d’infériorité, le fait est qu’il est inférieur; mais c’est sur la portée du mot être qu’il faudrait s’entendre; [...] être c’est être devenu... oui, les femmes dans l’ensemble sont aujourd’hui inférieures aux hommes, c’est-à-dire que leur situation leur ouvre de moindres possibilités : le problème c’est de savoir si cet état de choses doit se perpétuer.”⁷ Perante esta realidade que apresenta com tanta acutilância, Simone de Beauvoir, - e, de um modo geral, as teóricas do Feminismo da segunda vaga - rejeitando a tal “igualdade na diferença”, propõem a passagem de um modelo de complementaridade de poder (inevitavelmente assimétrico) para um modelo de simetria de poder, mas sem mudança de paradigma nos aparelhos jurídico-simbólico-social.⁸

2.3. A terceira vaga

Na década de 80 do século passado (ou mesmo antes) começa a delinear-se os contornos do designado Feminismo (cf. SEDGWICK 1990) assente agora na “desconstrução”. Mais uma vez, é a publicação de uma obra, neste caso *Gender Trouble* de Judith Butler, escrita em 1989 e editada em 1990⁹ que constitui o marco temporal para o início

⁷ “Para provar a inferioridade da mulher, os antifeministas recorreram como antes à religião, à filosofia, à teologia mas também à ciência: biologia, psicologia experimental, etc. No máximo consentem em reconhecer ao outro sexo “a igualdade na diferença”... quando um indivíduo ou grupo de indivíduos é mantido em situação de inferioridade, o facto é que é inferior; mas é sobre o âmbito da palavra que deveríamos concordar; ser é tornar-se... sim as mulheres na sua maioria são hoje em dia inferiores aos homens, quer dizer que a sua situação lhes abre menos possibilidades: a questão é saber se este estado de coisas se deve perpetuar...” Tradução da autora do artigo.

⁸ A única filósofa que propõe uma mudança de paradigma é a belga Luce Irigaray (1977), cujas teses são representativas da escola desconstrutivista, visando a construção de uma subjectividade feminina não constrangida pela lógica masculina dominante.

⁹ Celebrando os 25 anos da publicação de *Gender Trouble*, Judith Butler proferiu uma conferência no Teatro Maria Matos, em Lisboa, no dia 2 de Junho de 2015.

da terceira vaga. Comentando o texto de Beauvoir, Judith Butler em *Gender Trouble* escreve “it follows that woman itself is a term in process, a becoming, a constructing...”, a própria palavra mulher é um termo em construção, um devir. É este o *leitmotiv*. O feminismo da Terceira Vaga tenta ver como as diferenças entre homens e mulheres são discursivamente construídas, linguisticamente reiteradas e ancoradas no tecido social (cf. SCOTT 1986). Para Judith Butler a diferença sexual pode ser desconstruída, ou citando as suas próprias palavras “is the breakdown of gender binaries, for instance, so monstrous, so frightening that it must be held to be definitionally impossible and heuristically precluded from any effort to think gender?” (BUTLER 2008: viii-ix).

O sucesso da obra de Judith Butler e a sua rápida difusão mundial, com sucessivas reedições levou a que a autora, em 1999, escrevesse um segundo prefácio declarando que “ten years ago I completed the manuscript of *Gender Trouble* and I sent it to Routledge for publication. I did not know that the text should have as wide an audience as it has had, nor did I know that it would constitute a provocative “intervention” in feminist theory or be cited as one of the founding texts of queer theory. The life of the text has exceeded my intentions, and that is surely in part the result of the changing context of its reception...” (BUTLER 2008: vii).

A suposta oposição entre masculino e feminino assenta num sistema de valores assumidos *a priori*, que devem ser questionados. Ou como escreve Donna Haraway em *A Cyborg Manifesto* “there is not even such a state as “being” female, itself a highly complex category constructed in contested scientific discourses and other social practices...” (1991: 155).

O feminismo da Terceira Vaga rejeita o modelo binário: não há dois sexos, mas uma série de identificações sexuais e de performatividades. Não há um “sexo” natural subjacente ao “género”. Só pensamos que temos uma sexualidade natural e pré-cultural, por causa do próprio conceito de género (SPENDER 1980). Em lugar da distinção sexo/“género”, ou da asserção de uma humanidade comum, o feminismo da Terceira Vaga sublinha as diferenças polimórficas e complexas entre sexos, géneros, práticas sexuais e opções de múltiplos tipos de sexualidade. Acaba assim a redutora perspectiva binária de diferenças entre homens e mulheres, instalando-se um complexo processo de contínua e instável produção de diferenças a variadíssimos níveis: imaginário,

social, discursivo, real-anatómico/neurológico e suas implicações no campo do poder político e simbólico (KELLY-GADOL 1984).

Se rejeitamos o pensamento dicotómico simples gerador da oposição feminino/masculino nos moldes em que tradicionalmente é caracterizado social, literária e historicamente, entre o privado/doméstico femininos e o público/político masculinos, rejeitaremos, de facto, através dessa mesma pragmática, a invisibilidade das mulheres na análise, interpretação e construção de um novo discurso histórico (MAGGIE HUMM 1989). O problema que se coloca, em termos metodológicos, na historiografia, arqueologia e em todas as ciências e disciplinas é como dar “visibilidade” a metade da humanidade omissa dos manuais e tratados de História? Esta intencional e desejada invisibilidade, neste caso, é sinónimo de inexistência.

3. Para uma Historiografia no Feminino

Nas duas últimas décadas a divulgação e integração dos *Women Studies* (Estudos de Mulheres) nos *curricula* de universidades europeias e norte-americanas generalizou o debate teórico em torno das metodologias da historiografia feminista. A ideia de que as mulheres têm uma genealogia diferente da dos homens tem uma longa tradição no feminismo, sendo preponderante no domínio da história das mulheres na sua fase inicial de implantação como disciplina académica. O recurso às memórias, às histórias de família, contada pelas mães e avós, surgiram como metodologia para os Estudos de Mulheres no meio académico. Segundo Andrea Pető e Berteke Waaldijk (2006: 17) a ideia de que a história das mulheres pode ser documentada através de memórias privadas e histórias contribuiu para uma reflexão sobre a distinção e hierarquia entre o privado e o público. Para as primeiras historiadoras, na viragem para o séc. XX como a americana Mary Beard ou a holandesa Johanna Naber (*apud* ANDREA PETŐ e BERTEKE WAALDIJK 2006: 17), o principal argumento era que a história das mulheres era invisível porque a história oficial apenas descrevia a esfera pública e a história das mulheres tinha lugar na esfera do privado. Hoje podemos argumentar, com factos e documentos, que a história das mulheres mesmo quando é do domínio público, é quase sempre remetida pela ideologia dominante para o privado e para o esquecimento e, tantas vezes, sem haver consciência desse facto, como refere a psicanalista

Alice Miller (1981) no seu livro intitulado “Não Notarás” (*Du sollst nicht merken*, no original alemão)¹⁰.

Recuperemos pois, num breve exercício de demonstração aleatória as biografias de sete mulheres, uma escritora, várias cientistas e arqueólogas, de diferentes países e épocas, cujo trabalho desenvolvido na esfera pública foi condenado ao esquecimento e à invisibilidade. Nomes como Cornelia Goethe, Maria Agnesi e Rosalind Franklin, Lise Meitner, Mileva Maric, ou a jovem contemporânea Maryam Mirzakhani são desconhecidos da maioria das pessoas e mesmo daqueles investigadores que desenvolvem pesquisas nas respectivas áreas. Eu própria, durante muito tempo, ignorei os seus feitos e a existência. Vejamos então os respectivos “bilhetes de identidade” começando, aleatoriamente, por Cornelia Goethe (1750-1777), irmã de Johann Wolfgang Goethe, que foi uma escritora e pensadora/filósofa alemã, tendo escrito sobre a condição feminina e a desigualdade de acesso das mulheres à educação – ela própria impedida de prosseguir os estudos em Leipzig, ao contrário do seu irmão. Estudos recentes na Universidade Johann-Wolfgang-Goethe de Francoforte sobre o Meno têm questionado o que há de Cornelia na obra do irmão, uma vez que foi este quem intencionalmente lhe destruiu grande parte do espólio.

Continuemos com Maria Gaetana Agnesi, nascida em Milão (1718-1799) e que foi uma matemática italiana, autora de várias obras, entre as quais *Istituzione Analitiche*, o primeiro tratado de cálculo diferencial e integral, publicado em 1748 (com 30 anos) de imediato traduzido para inglês e francês. É dela a “curva de Agnesi”. Em 1748 Agnesi foi designada, pelo papa Benedito XIV, membro honorário da Universidade de Bolonha, sem, no entanto, lhe ter sido permitido leccionar nessa universidade. Curiosamente foi preciso decorrerem 266 anos após a publicação do tratado de Maria Agnesi *Istituzione Analitiche* para que uma mulher matemática tivesse o devido reconhecimento *inter pares*. A jovem matemática iraniana Maryam Mirzakhani (nascida em Teerão em 1977) foi a primeira mulher a ganhar em 2014 a medalha Fields ou Medalha Internacional de Descobrimientos Proeminentes em Matemática, o chamado Nobel da Matemática, prémio concedido durante cada Congresso Internacional da União Internacional de Matemática (IMU), o que acontece cada quatro anos. Outra proeminente matemática foi a

¹⁰ Veja-se igualmente, a este respeito, Dale Spender 1980.

sérvia Mileva Maric (1875-1948), primeira mulher de Albert Einstein. A descoberta e publicação da correspondência entre Einstein e Mileva Maric revelou o papel importantíssimo desta nos trabalhos publicados em 1905, chegando mesmo Einstein, em cartas que lhe dirigiu, a falar em co-autoria (“o nosso trabalho”).

Mencionemos Rosalind Elsie Franklin (1920-1958), química inglesa, pioneira da biologia molecular. Empregando a técnica de difracção de raios-X conseguiu identificar a forma helicoidal do DNA. A usurpação do seu trabalho após a sua morte por Wilkins e Crick que viriam a ganhar o Nobel da Medicina em 1962 é hoje um facto reconhecido. Lise Meitner (1878-1968), nascida em Viena, foi uma física austríaca que desenvolveu as suas pesquisas na radioactividade e Física nuclear. Com Otto Hahn (prémio Nobel da Química em 1944) trabalhou na descoberta da fissão nuclear. Lise Meitner, tal como Otto Hahn, recebeu a medalha Max Planck.

Estes são os curtos “bilhetes de identidade” de seis famosas mulheres, uma escritora e várias cientistas, porque ricas e extensas serão as suas biografias. E, quanto à Arqueologia, o que dizer? A situação está em conformidade com todas as outras áreas do conhecimento.

4. Pioneiras da Arqueologia: da Pré-história europeia ao Levante

No primeiro quartel do século passado há já uma presença importante de mulheres arqueólogas a trabalhar em Arqueologia Pré-histórica, cujo contributo foi importantíssimo, embora hoje em dia esquecido e/ou ignorado. Uma das poucas excepções será talvez Dorothy Garrod (1892-1968) e, precisamente, porque o seu legado e descobertas são incontornáveis, ou “ouro puro” como refere Grahame Clark, a propósito da obra de Dorothy Garrod *The Stone Age of Mount Carmel* de 1937 (*apud* SMITH 2000: 131).

Dorothy Garrod, porém, não esteve sozinha nos primórdios da Arqueologia Pré-histórica na Grã-Bretanha. Muitas suas conterrâneas, como Hilda Petrie, Tessa Wheeler ou Margaret Murray, até a precederam. Outras, como Gertrude Caton-Thompson ou Kathleen Kenyon, trabalharam na mesma época – a partir do final da I Guerra Mundial. Sendo impossível abordar todas as pioneiras da arqueologia britânica (para já nem mencionar a europeia...), vou-me debruçar sobre estas duas arqueólogas: Dorothy Garrod (1892-1968) e Gertrude Caton-

-Thompson (1888-1985). Ambas têm em comum a excelência do trabalho de campo, as escavações arqueológicas que desenvolveram no Próximo Oriente, o marcado interesse pela Pré-História, a coexistência temporal dos seus percursos e relações pessoais e de amizade que se estenderam por mais de quatro décadas.

Gertrude Caton-Thompson

Comecemos por Gertrude Caton-Thompson que, tendo sido a primeira a nascer, foi a última a falecer. Gertrude Caton-Thompson nasceu em Londres em 1888. Nasceu no seio de uma família abastada e, embora tenha perdido o pai aos cinco anos de idade, esse facto não afectou economicamente a família. O seu irmão Arthur foi enviado para Eton para estudar, e Gertrude, como era habitual na época, estudou em casa com uma série de preceptoras e, aos treze anos, foi enviada para um colégio interno na costa sul de Inglaterra, tendo sido dada como completa a sua educação. Margaret S. Drower escreveu, sobre este período da sua vida, que “her education completed, Caton-Thompson embarked on a life of carefree enjoyment – rowing on the Thames; riding and hunting; playing tennis...” (2009: 352). Teria sido este o percurso esperado para qualquer jovem mulher vitoriana, da classe alta, e que culminaria com o inevitável casamento. Não foi certamente esse o destino de Gertrude Caton-Thompson. Em 1910, compra com a sua mãe, que se acabara de divorciar do seu segundo marido, um apartamento em Londres, em Kensington e envolve-se activamente no movimento sufragista, como secretária adjunta da secção de Londres, tendo participado na organização do encontro de 1911, no Albert Hall, que angariou quatro mil libras para essa causa.

Quando eclodiu a I Guerra Mundial, Gertrude Caton-Thompson, já com vinte e seis anos, oferece-se como voluntária e em 1917 está já a trabalhar num departamento de estado, sob a direcção de Arthur Salter. Terminada a guerra, Arthur Salter pede-lhe que o acompanhe, na qualidade de assistente pessoal, à Conferência de Paz em Paris em Março de 1919, onde vai desempenhar o cargo de secretário do Conselho Superior de Economia. A conferência vai durar alguns meses e Gertrude Caton-Thompson vai ter a oportunidade de contactar e conviver com personalidades como Gertrude Bell, T.E. Lawrence ou Maynard Keynes. Terminada a conferência, Arthur Salter tenta persuadi-la a permanecer

na administração pública, mas Gertrude Caton-Thompson tinha já outros projectos em mente que se prendiam com a arqueologia, paleontologia e Próximo Oriente Antigo.

O Próximo Oriente, em particular o Egipto, onde irá desenvolver importantíssimo trabalho arqueológico era-lhe já familiar, das muitas viagens que tinha realizado com a sua mãe. O apelo da arqueologia, em especial da Pré-história, veio-lhe ainda durante a guerra. Em 1915, numa breve estadia de visita ao sul de França, em Menton, visita Rochers Rouges onde Léonce de Villeneuve dirigia escavações arqueológicas num sítio paleolítico. Gertrude Caton-Thompson de imediato se voluntariou para participar nos trabalhos, neste caso, ajudando na lavagem de materiais. Regressa a Menton em Abril de 1921 e volta a participar nos trabalhos arqueológicos. É essa sua estadia em Menton que determina a sua futura formação científica para o exercício de uma carreira como arqueóloga.

O ano de 1921 é marcante para a sua futura carreira na arqueologia. No Verão desse mesmo ano assiste a aulas de Egiptologia no University College, em Londres, com Flinders Petrie e Margaret Murray. No Museu de História Natural em Kensington estuda paleontologia com Dorothea Bate e, para além disso, frequenta aulas de árabe na Escola de Estudos Orientais e tem lições particulares de prospecção dadas por um aluno da Escola de Minas. Está pois apta, em Outubro de 1921, para se reunir à equipa de Flinders Petrie para uma campanha de escavações da “British School of Archaeology in Egypt.” Com Petrie e outro estudante viaja até Luxor, para uma visita de estudo de três dias. Ainda permanece uma semana no Cairo com os Petries, iniciando depois o seu regresso a Inglaterra, com inúmeras recolhas de artefactos líticos musterienses e micrólitos recolhidos em Helwan. No seu regresso a casa, não deixa de ir a Lez Eyzies e visitar as pinturas rupestres e o Museu.

Malta foi outro dos seus destinos. Margaret Murray, sua antiga professora no University College, em Londres, convidou-a para participar numa campanha de escavação de dois meses, em Malta. Para além de Margaret Murray, que dirigia os trabalhos, fazia igualmente parte da equipa Edith Guest¹¹, amiga de Margaret Murray. O objectivo da expe-

¹¹ Curiosamente Edith Guest passou por Portugal na década de 1930. A autora tem em curso de publicação um artigo sobre este tema, em co-autoria com João Luís Cardoso e Rui Boaventura.

dição era a intervenção arqueológica no templo megalítico de Borga em Nadur, Marsaxlokk. A Gertrude Caton-Thompson coube a escavação da gruta Ghar Dhalam, nas imediações, que já tinha sido intervencionada na década de 1890, deixando em aberto a questão de uma possível ocupação da gruta por Neandertais. O cuidadoso trabalho que efectuou, camada a camada, evidenciou a presença de muitos ossos de hipopótamo, mas nenhuma indústria lítica associada.

As questões geológicas que se lhe colocaram durante esta intervenção levaram-na a demandar o Newnham College, em Cambridge, para aprofundar os seus conhecimentos de geologia e cimentar a sua especialização na arqueologia pré-histórica.

É no Egipto, porém, que Gertrude Caton-Thompson concentrou muito do seu trabalho de campo e algumas das suas mais importantes descobertas. Entre 1921 e 1926, sob os auspícios da British School of Archaeology participou nas escavações em Abydos, Oxyrhynchus, Badari, e Qau el Kebir. Em 1923-1924, juntou-se aos assistentes de Petrie, Guy and Winifred Burton, na região de Badari, onde identificou o importante povoado neolítico de Henamieh. Segundo Margaret S. Drower “Caton-Thompson’s methods were revolutionary. No prehistoric settlement site had ever before been scientifically excavated in Egypt... Her meticulous attention to details, endless patience, and imaginative insight mark Caton-Thompson out as one of the pioneers of archaeological method more than sixty years ago... It was to be many years before Caton-Thompson’s methods would again be followed on a prehistoric site in Egypt.” (2009: 358).

Em 1925, com o intuito de proceder ao primeiro levantamento da região norte de Faiyum, no Egipto, procura o apoio da geóloga Elinor Wight Gardner, já com alguma experiência de trabalho de campo, a qual, encantada com a possibilidade que lhe era oferecida, deixa o seu cargo de professora e parte com Caton-Thompson para o Egipto. Vão manter uma relação de trabalho activa por mais de treze anos e uma amizade que durará meio século.

O principal objectivo deste levantamento era correlacionar os antigos níveis do lago com os estratos arqueológicos. Em 1934 o Royal Anthropological Institute edita a obra, em dois volumes *The Desert Fayum*, da autoria de Gertrude Caton-Thompson e Elinor Gardner.

Em 1928, convidada pela British Academy, vai investigar as ruínas do sudeste do Zimbabwe junto ao lago Mutirikwe, conhecidas desde o século XVI como “Great Zimbabwe”, dirigindo intervenções

arqueológicas com outro nome maior das pioneiras da Arqueologia na Grã-Bretanha, Kathleen Kenyon. Os resultados das escavações levaram-na a concluir inequivocamente que estas ruínas do Zimbabwe eram produto duma civilização nativa, pelo que foi duramente criticada na época.

A sua investigação orientou-se de seguida para o oásis de Kharga, no deserto da Líbia, a ocidente do Egipto. Em Dezembro de 1930 parte para Kharga com Elinor Gardner. A expedição foi financiada pelo Royal Anthropological Institute. Porém, a monumental publicação em dois volumes *Kharga Oasis in Prehistory*, só será editada em 1952 graças à intervenção de V. Gordon Childe. Para ilustrar a indústria lítica nessa obra, Gertrude Caton-Thompson tinha contratado a jovem estudante Mary Nichol, posteriormente conhecida como Mary Leakey, após o seu casamento com Louis Leakey, e cujos trabalhos e descobertas fundamentais, na região de Olduvai, são sobejamente conhecidas.

Em Outubro de 1937 parte com Elinor Gardner e Freya Stark para o Yemen, onde dirige a primeira escavação sistemática na região, em Hadhramaut. Com o advento da II Guerra Mundial, Gertrude Caton-Thompson abandonou o trabalho arqueológico de campo.

O reconhecimento pelo seu trabalho valeu-lhe em 1932 the Peake Award of the Royal Geographic Society, e em 1934, a Rivers Medal of the Royal Anthropological Institute. Foi nomeada para *President of the Prehistoric Society* entre 1940 e 1946 – a primeira mulher a aceder a tal cargo. Em 1944 foi eleita membro da *British Academy*, a segunda mulher a conseguir tal feito, e nesse mesmo ano, foi-lhe concedido o grau de “honorary doctor of literature (D.Litt.)” pela Universidade de Cambridge, à qual se encontrava ligada desde 1923 como investigadora e membro do Newnham College. Em 1946 foi convidada a proferir a Huxley Lecture¹², intitulada, *The Aterian Industry: its Place and Significance in the Palaeolithic World*, sendo, mais uma vez, a primeira mulher a receber tal distinção. Foi igualmente eleita membro da University College, Londres e do Newnham College, Cambridge.

¹² Instituída em 1896, a “Huxley Lecture” destinava-se a homenagear a memória do Prof. Huxley com uma conferência no domínio da antropologia. O conferencista escolhido seria igualmente distinguido com a entrega de uma medalha, constituindo o mais alto galardão atribuído pelo “Huxley Memorial Committee at the Royal College of Science.” Lord Avebury foi o primeiro a inaugurar a “Huxley Lecture” a 13 de Novembro de 1900 no “Museum of Practical Geology.”

Em 1954 recebeu a Burton Medal of the Royal Asiatic Society “for eminent services in oriental exploration and research.” (MARGARET S. DROWER 2009: 375).

Faleceu aos 97 anos em Broadway, Worcestershire. No seu testamento deixou um importante legado ao departamento de Egiptologia do University College, destinado à investigação científica e também a trabalhos de restauro no Petrie Museum.

Dorothy Garrod

Tal como Gertrude Caton-Thompson, Dorothy Garrod nasceu em Oxford, em 1892, no seio de uma família abastada. O seu pai, Sir Archibald Garrod foi “Regius Professor of Medicine” em Oxford. Embora nascida no seio duma família em que a educação e formação académica fosse preponderante, essas expectativas estavam sobretudo direccionadas para os seus quatro irmãos. A educação de Dorothy Garrod foi, à maneira vitoriana, feita em casa, com preceptoras, como era habitual na época. No entanto, foi admitida num colégio interno em Hertfordshire e, em 1913, ingressou no Newnham College, Universidade de Cambridge, tendo concluído os seus estudos, em História em 1916. Convém não esquecer que na época em que Dorothy Garrod entrou para Cambridge, às mulheres apenas era permitido o acesso ao grau de Bachelor of Arts, sem serem reconhecidas como membros, de pleno direito da Universidade; só anos mais tarde é que passaram a constar das listas oficiais de resultados e apenas em 1921 puderam aceder a todos os graus e só em 1948 foi reconhecida a “full admission” para as mulheres que ingressassem em Cambridge (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 381-382). A situação em Oxford, no que respeita à situação das estudantes, era em tudo idêntica à de Cambridge, o que nos indicia, desde logo, as excepcionais qualidades intelectuais de Dorothy Garrod.

O advento da I Guerra Mundial leva Dorothy Garrod a partir para França com a “Catholic Women’s League”, acompanhando os seus irmãos que viriam a falecer todos no decurso deste conflito. Segue depois para Malta, onde o seu pai fora colocado como director dos hospitais militares e é aí que toma contacto com os importantes e espetaculares vestígios pré-históricos da ilha que não só despertaram o seu interesse, mas acabariam por condicionar o seu futuro.

Após a desmobilização, Archibald Garrod regressa a Inglaterra

e instala-se em Oxford, onde vai desempenhar o cargo de “Regius Professor of Medicine.” Dorothy Garrod matriculou-se então em Oxford para a obtenção do diploma em Antropologia, sob a orientação de Robert Ranulph Marett, fundador do curso em Oxford. É sob a sua influência, como o testemunhará mais tarde a sua aluna Mary Kitson Clark “the determination to be a prehistorian, and particularly in the Stone age, came over her in one second, like a conversion...” (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 382).

Oteve o seu diploma em Oxford, com distinção, em 1921. Entretanto, o Newnham College premiou o seu sucesso académico com uma “Travelling Scholarship” que a conduzirá a França, aproveitando os sólidos contactos que o seu orientador Robert Ranulph Marett mantinha com os pré-historiadores franceses, desde o período anterior à I Guerra Mundial. Segue então para França, com as cartas de apresentação de Marett para os pré-historiadores franceses e, em casa do conde Bégouën conhece o Abbé Breuil que a aceita como sua aluna, por dois anos, no “Institut de Paléontologie Humaine” de Paris. Inicia então uma relação de trabalho e de amizade que se prolongará por décadas, até à morte de Breuil. É, pois, com Henri Breuil que vai adquirir sólida experiência em escavações arqueológicas, Pré-história e análise de artefactos líticos (PRICE 2009: 136). Anos mais tarde, ao escrever o obituário de Breuil relembra o primeiro trabalho de que ele a encarregou – o estudo das extensas recolhas de Victor Commont no vale do Somme – e comentou, a esse respeito, que “I learned later... that this was a test and if I had come back to him saying that I had understood, and had no particular difficulties, he would have taken no further interest in me.” (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 384).

Logo no Verão de 1921, teve as suas primeiras lições de trabalho de campo com Louis Didon durante as escavações arqueológicas que este último levava a cabo no abrigo de Labattu, perto de Perigueux. Seguem-se os trabalhos arqueológicos em Les Eyzies, com Denis Peyrony, em Isturitz com Saint-Petriers, em Corrèze com Jean Bouyssonie e, sobretudo, em La Quina, com Henri-Martin, sítio esse que será fundamental na orientação da sua linha de investigação. Com efeito, em La Quina foram recolhidos restos de 27 indivíduos Neandertais, o que se revelou muito importante para as suas futuras intervenções arqueológicas. A escavação em La Quina cimentou, igualmente, a amizade com Germaine Henri-Martin, filha de Henri-Martin e que perdurou para o resto da sua vida.

Apesar da sua forte ligação científica e afectiva à França, o seu primeiro livro *The Upper Paleolithic Age in Britain*, editado pela Oxford University Press em 1926, foi de uma extraordinária importância para a sistematização dos dados dispersos em museus e notícias avulsas em revistas científicas. Desde 1922 que Dorothy Garrod era membro da “Prehistoric Society of East Anglia” tendo recorrido aos contactos com os outros membros para poder proceder à recolha exaustiva do que à data se conhecia. Por outro lado, como a maior parte dos sítios tinham sido escavados antes do sistema de classificação tipológica de Mortillet, coube a Garrod a tarefa de adaptar essa classificação ao Paleolítico da Grã-Bretanha. Henri Breuil prefaciou o livro em termos muito elogiosos, realçando a lacuna que a sua síntese preenchia no conhecimento do Paleolítico da Grã-Bretanha. Décadas mais tarde, em 1977, John Campbell publicou em Oxford *The Upper Paleolithic of Britain: A Study of Man and Nature*, mas “his work clearly shows that Garrod’s conclusions remain essentially valid” (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 386). A publicação desta obra firmou os seus créditos como pré-historiadora e permitiu-lhe iniciar os seus próprios projectos de investigação, com uma forte componente de trabalho de campo.

Henri Breuil sugeriu-lhe que investigasse o abrigo “The Devil’s Tower” em Gibraltar, região que ele próprio tinha visitado durante o período da Guerra. Em Novembro de 1925 inicia a primeira de três campanhas de escavações em Devil’s Tower, na qual identificou sete camadas contendo materiais arqueológicos, todos eles com artefactos Musterienses, semelhantes aos que tinha visto em La Quina, quando participou nas escavações de Henri-Martin. No ano seguinte, a 11 Junho de 1926, exumou o crânio de uma criança Neanderthal, a que deu o nome de “Abel.” A data e o nome por ela escolhido estão documentados no seu álbum fotográfico de 1921-1927 (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 387). As três campanhas em Devil’s Tower, Gibraltar, deram origem a mais uma publicação, a todos os títulos exemplar, intitulada *Excavation of a Mousterian Rock-Shelter at Devil’s Tower, Gibraltar* e publicada pelo Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, em 1928, e na qual colabroaram, para além da própria Dorothy Garrod, L.H. Dudley Buxton, G. Elliot Smith e Dorothea Bate.

Com créditos firmados na arqueologia pré-histórica, Dorothy Garrod parte para a Palestina em meados de Junho de 1928 para dirigir

as escavações na gruta de Shukbah, com a colaboração de George e Edna Woodbury da “American School of Prehistoric Research”. Mais uma vez os resultados obtidos foram importantíssimos e, segundo Ofer Bar-Yosef e Jane Callender “at first Garrod classified it, cautiously, “as a Mesolithic industry with Capsian affinities”, but later recognized the originality of the composition of this industry... She therefore named it Natufian after the wadi in which the cave was located” (2009: 391-392). Nesta sua primeira escavação levantina, Dorothy Garrod vai defrontar-se logo com dois problemas fulcrais na arqueologia Pré-histórica do Próximo Oriente: as origens dos seres humanos modernos e extinção dos Neandertais, bem como as origens culturais do Paleolítico Superior na região (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 392).

Da Palestina vai para o Curdistão com uma equipa anglo-americana de arqueólogos, onde dirige escavações em Zarzi, porém, o regresso à Palestina era inevitável. Com a decisão da administração britânica de começar as obras no porto de Haifa, e a identificação do vale de Wadi el Mughara, Mount Carmel, como a possível pedreira para as obras a efectuar no referido porto. E. T. Richmond, então Director das Antiguidades para a Palestina convence Garrod a dirigir as escavações em Wadi el Mughara, Mount Carmel, onde a descoberta de grutas com grande potencial arqueológico tinha já obrigado a desviar a pedreira. De Abril a Junho de 1929 inicia-se a primeira campanha arqueológica com uma pequena equipa constituída apenas por mulheres e de que faziam parte, para além de Dorothy Garrod, a jovem Mary Kitson Clark do Girton College, Cambridge, Elinor Ewbank de Lady Margaret Hall, Oxford e, do lado americano, a reitora do Mount Holyloke College, Harriet M. Allyn, acompanhada da sua amiga Dr. Martha Hackett, a qual acabou por instalar uma pequena clínica para os habitantes locais. Na primeira campanha arqueológica das sete que iria dirigir em Mount Carmel, entre 1928 e 1934, o trabalho de Dorothy Garrod e da sua equipa centrou-se na escavação da gruta de El-Wad. No seu caderno de campo para essa campanha, tanto Garrod como Mary Kitson Clark usam o termo “Natufiense” para a indústria microlítica de El-Wad, que já tinha usado no ano anterior na escavação da gruta de Shukbah. A extraordinária sequência estratigráfica de El-Wad, com sete camadas bem identificadas, que abrangem uma sequência estratigráfica desde o Musteriense à Idade do Bronze, levaram Dorothy Garrod a escrever logo em 1930, com evidente satisfação, “This is by far the most complete prehistoric sequence so far found in the Near East, and

lays the foundations of a Paleolithic chronology for this region” (*apud* BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 397). Em 1931, ao publicar o relatório das escavações de Tabun, e comparando com os resultados anteriormente obtidos em El-Wad, Dorothy Garrod concluiu que a sequência cronológica de Mount Carmel podia ser alargada to a depth, with the possibility of obtaining a still older industry than that already found” (*apud* BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 399). As escavações de 1932 e 1933 não só vieram confirmar as suposições de Dorothy Garrod, como deram origem a um aceso debate em torno da maior antiguidade do Musteriense das grutas do Levante do que das grutas europeias, situação que era rejeitada por mutos arqueólogos europeus à época.

Terminado o projecto em 1934, Dorothy Garrod começou a preparar a publicação dos resultados de sete anos de campanhas arqueológicas na Palestina. Em Abril de 1935 encontra-se com a geóloga Elinor W. Gardner – que já tinha acompanhado Gertrude Caton-Thompson em inúmeras missões – examinando a crista arenítica paralela à linha de costa na região de Haifa. A 8 de Abril desse mesmo ano, as duas investigadoras visitaram a região da ponte de Jisr Banat Yaquub (Gesher Benot Ya’aqov¹³) entre a Palestina e a Síria. Dorothy Garrod e Elinor Gardner encontraram bifaces acheulenses. A tipologia e a fauna que lhe estava associada levaram Dorothy Garrod a escrever, mais tarde, que “these were older, probably much older, than anything found in the caves” (*apud* BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 401).

Em 1937 publica *The Stone Age of Mount Carmel* (volume 1), considerado um marco incontornável no estudo e conhecimento da Pré-história levantina e que lhe valeu o reconhecimento da Universidade de Oxford que lhe atribuiu o grau de B.S. Nas palavras de Ofer Bar-Yosef e Jane Callender, a propósito da publicação deste primeiro volume *The Stone Age of Mount Carmel*, “Garrod’s volume established a new standard for its time” (2009: 402).

Garrod só regressaria ao Próximo Oriente duas décadas mais tarde. Entretanto vai orientar a sua investigação e trabalho de campo para a Anatólia (planalto de Ankara e o lago de Tuz Gölü) e Bulgária (gruta de Bacho Kirovo, nos Balcãs), à procura de pontos de contacto

¹³ O arqueólogo Moshe Stekelis e o geólogo P. Solomonica, informados da descoberta, continuaram o trabalho de campo que foi interrompido em 1937. O sítio é hoje internacionalmente conhecido e objeto de um importante projecto de investigação dirigido pela Professora Naama Goren-Inbar.

entre o Paleolítico do Próximo Oriente e da Europa. De regresso a Cambridge, escreve os relatórios das suas missões à Anatólia e à Bulgária, em 1938.

No ano seguinte, em 1939, Dorothy Garrod candidatou-se a Disney Professor of Archaeology na Universidade de Cambridge, mais conhecida como Disney Chair¹⁴. Nas palavras de uma das suas biógrafas, Pamela Jane Smith (2000: 131), “In May 1939, the accomplished Palaeolithic archaeologist, Dorothy Garrod, was elected Cambridge’s Professor of Archaeology - the first woman to hold a Chair at either Cambridge or Oxford.” E gostaria de acrescentar que, não só foi a primeira mulher titular da Disney Professor of Archaeology na Universidade de Cambridge, mas a única até aos nossos dias... Aliás, a sua nomeação teve uma repercussão enorme no meio universitário. Segundo Pamela Jane Smith (2000: 134) “Garrod’s appointment ‘was rather a bombshell as far as I could gather. It definitely ruffled the doves’, reports Howe. Her election was greeted with excitement and high expectations, especially by the Cambridge women’s colleges. The Newnham College Roll Letter announced with pride, ‘Miss Garrod’s election to the Disney Professor has been the outstanding event of the year and has filled us with joy’ (Letter of January 1940: 11). Fellow female scholars felt uplifted by her achievement (Alison Duke, in conversation with the author, 1998). ‘The excitement of her appointment was great’, reports Eleanor Robertson, archaeology student, class of 1938 (pers. comm. 1998). The wider University community also took note. ‘The election of a woman to the Professorship of Archaeology is an immense step forward towards complete equality between men and women in the University’ (The Cambridge Review May 1939).”

Durante os treze anos em que foi titular da Disney Chair, e que coincidiram com o período assaz difícil da II Guerra Mundial, na qual participou também como voluntária na Força Aérea, Dorothy Garrod conseguiu oficializar a arqueologia e a antropologia como cursos de pleno direito (“full-degree courses”). Em 1952, aos 60 anos, Dorothy Garrod decide reformar-se. A Faculdade, em sinal de reconhecimento,

¹⁴ A Disney Professorship of Archaeology, criada em 1851, com uma doação de John Disney, apenas foi ocupada por 12 pessoas até à presente data. John Howard Marsden foi o seu primeiro titular, entre 1851 e 1865. Em 1938, Ellis Minns reformou-se, deixando vago o lugar, ao qual Dorothy Garrod, Christopher Hawkes e Miles Burkitt se candidataram.

oferece-lhe um relógio, acompanhado de um rolo, com um texto escrito em latim e que dizia “To Dorothy Annie Elizabeth Garrod... indefatigable explorer of antiquity, who for thirteen years professed the science of archaeology in Cambridge with such great learning, such great splendour, such great friendliness and humanity, her colleagues, acquaintances, friends, whose names are written beneath, joyfully giving thanks for so many things well done... moved not only by love... give with pleasure this clock as a gift. ‘caelum non animum mutant, qui trans [mare] currunt’ [Horace. Epistles, Book I, 11, line 271]” “those who hasten across [the sea] change their horizon, not their soul” (SMITH 2000: 136).

É nesse ano de 1952 que Dorothy Garrod foi eleita “Fellow of the British Academy”, pelo reconhecimento do seu trabalho ímpar na arqueologia pré-histórica e excepcionais qualidades intelectuais.

Embora nunca abandone completamente a universidade e, em especial, Newnham College, vai aproveitar libertação das suas responsabilidades académicas para se dedicar com mais tempo e disponibilidade a outros projectos, entre os quais o seu regresso à investigação arqueológica e ao trabalho de campo em França. Desde 1946 que Dorothy Garrod passava as férias de Verão em França, escavando a gruta de Fontéchevade (Charente), sob a direcção da sua amiga Germaine Henri-Martin. Aí, mais uma vez, teve o prazer de participar na recolha e identificação de restos humanos nos níveis do Paleolítico inferior. A partir de 1948, começa igualmente a escavar com Suzanne de Saint-Mathurin o abrigo Magdalenense de Angles-sur-l’Anglin, que revelou importantes vestígios de arte pré-histórica, com pinturas e um friso de gravuras gravadas na rocha. As condições de trabalho aqui eram muito diferentes das que Dorothy Garrod tinha tido nas escavações na Palestina, mas os registos fotográficos mostram as três mulheres a escavar o abrigo e, por essa altura, Dorothy Garrod estava já perto dos sessenta anos de idade. O trabalho desenvolvido pelas três eminentes arqueólogas e pré-historiadoras, todas elas antigas alunas de Henri Breuil, foi carinhosamente reconhecido com o epíteto “Les trois Graces” pelos franceses.

Após a reforma e o falecimento da mãe, Dorothy Garrod mandou construir uma pequena casa em França (Charente), perto da residência da família Henri-Martin, onde passaria a residir a maior parte do tempo. Esta ligação à França patente na fluência com que falava e escrevia em francês, já tinha sido notada por Joan Crowfoot-Payne, quando da

sua estadia em Mount Carmel, na Palestina, reparando que a timidez natural de Dorothy Garrod desaparecia quando recebia visitantes franceses (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 406).

Em 1953 parte de novo para a Palestina para uma estadia de três meses, duas décadas depois de ter desenvolvido o projecto de Mount Carmel. Era sua intenção reestudar os materiais líticos recolhidos pelo seu colega de Cambridge Francis Turville-Petrie, em 1925, na gruta de Kebara, e as colecções de Zuttiyeh. De Jerusalém vai até ao Líbano na companhia do pré-historiador jesuíta francês Fleisch que a leva até ao abrigo Zumoffen, à zona a norte de Ras Beirute onde, nas dunas fósseis, tinham aparecido indústrias Levallois-Musterienses e, mais a norte, à gruta de Ras el-Kelb. Dorothy Garrod regressou à Europa com a intenção de desenvolver mais um projecto de campanhas arqueológicas no Próximo Oriente. Em 1958, obtém autorização de escavação no Líbano, escavando primeiro o abrigo Zumoffen e, posteriormente, a gruta de Mugharet el-Bezez, durante sete semanas e na companhia das suas amigas Germaine Henri-Martin e Suzanne de St. Mathurin.

Regressada a Cambridge, centra o seu trabalho na preparação da Huxley Lecture, para a qual tinha sido convidada, tal como antes Gertrude Caton-Thompson e o seu mentor Henri Breuil, e que apresentou em 1962, com o título *The middle Palaeolithic of the Near East and the problem of Mount Carmel man*. Em 1965 foi distinguida com a “Order of the British Empire” (CBE) e, em 1968, “The Society of Antiquaries” atribuiu-lhe a Medalha de Ouro, sendo, mais uma vez, a primeira mulher a recebê-la em duzentos anos. No seu discurso de aceitação da distinção não deixou de salientar esse facto, definindo o momento como “the long waited day and by some, long-dreaded day, when the gates of the citadel were finally opened to the Amazons” (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 413). Nessa conferência Garrod reencontrou muitos conhecidos e amigos e, em especial, Mary Kitson Clark que a acompanhara na primeira campanha de Mount Carmel, em 1929.

A saúde, já frágil, deteriorou-se no Verão de 1968. De visita à sua prima Madeleine Lovedy Smith, no Sussex, enfermeira-chefe no St. Thomas’ Hospital, começou a dar indícios de problemas graves de saúde, tendo tido uma apoplexia, da qual não chegaria a recuperar. Faleceu a 18 de Dezembro de 1968, aos 76 anos de idade. A propósito da sua morte Gertrude Caton-Thompson diria “the death of Dorothy Garrod ended my last direct link with pioneer fieldwork in the Near East and a friendship of forty-six years” (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 376).

5. Conclusão. Para uma arqueologia no feminino ou o silêncio das pioneiras

Num domínio científico preponderantemente masculino – mais aparente do que real, se analisarmos os dados disponíveis –, neste caso a arqueologia pré-histórica e, em especial, o estudo do Paleolítico, Gertrude Caton-Thompson e Dorothy Garrod impuseram-se *inter pares*, mas será que a memória do seu contributo para esta disciplina tem o mesmo reconhecimento e é valorizada como o contributo de outros arqueólogos e pré-historiadores masculinos? Creio que não.

Gertrude Caton-Thompson e Dorothy Garrod são arqueólogas e pré-historiadoras de invulgar excelência e como tal têm vindo a ser apresentadas, mais recentemente, em diversos estudos publicados sobre as pioneiras da Arqueologia Pré-histórica britânica e, nos quais, os respectivos trabalhos de campo efectuados no Egipto (Gertrude Caton-Thompson) e na Palestina (Dorothy Garrod) são descritos como inovadores e fundamentais para o conhecimento da Pré-história dessas regiões. No meio académico inglês e americano, quando mencionadas, são apresentadas como seres de excepção e, por isso mesmo, não representativas da realidade e dinâmica do desenvolvimento da Arqueologia científica na Grã-Bretanha. Ficaram as suas muitas e relevantes publicações as quais, qual muralha, protegeram a privacidade destas duas eminentes pré-historiadoras.

Gertrude Caton-Thompson manteve um diário durante a sua longa vida e que, a pedido de alguns amigos, publicou com o título *Mixed Memoirs*, em 1983, dois anos antes do seu falecimento e com uma circulação muito restrita – alguns amigos, bibliotecas e uma ou duas universidades.

Mais uma vez a mulher coloca-se atrás da obra para sua protecção, enquanto cientista, e da sua obra. A esfera do privado, para a qual as mulheres são sempre remetidas na ideologia dominante da sociedade patriarcal, é preponderante. E, se no caso de Gertrude Caton-Thompson, ainda temos a possibilidade de consultar a sua autobiografia, *Mixed Memoirs*, já Dorothy Garrod permaneceu um mistério durante décadas, dando origem até a alguns mitos, como o de a própria Dorothy Garrod ter queimado o seu arquivo pessoal e que só nos finais da década de noventa do século passado se provou ser falso. Pamela Jane Smith diz-nos que “I located, with Paul Bahn’s and Geneviève Pinçon’s help, a vast store of Garrod’s unpublished and unsorted material held

in the Bibliotheque du Musee des Antiquités Nationales outside Paris (SMITH *et al.* 1997: 131). This material is kept under the name of French archaeologist Suzanne Cassou de Saint-Mathurin, who had excavated with Garrod in France and Lebanon. When Saint-Mathurin died in 1991, boxes of Garrod's diaries, letters, field notes, photographs and manuscripts were bequeathed to the MAN along with Saint-Mathurin's papers." Assim, foi encontrado um arquivo dentro de outro arquivo. Suzanne de Saint-Mathurin, "uma das "Três Graças" guardou o espólio de Dorothy Garrod, o qual, após a sua morte, em 1991, foi depositado no Musée des Antiquités Nationales preservando, assim, a "memória escondida" de outra das Três Graças... Cadernos de campo, fotografias – de que aliás se conheciam muito poucas –, notas, cartas, tudo estava guardado no "Fonds Suzanne Cassou de Saint-Mathurin" na Biblioteca do Musée des Antiquités Nationales. Segundo Pamela Jane Smith (2000: 131-132) "These unpublished papers, along with personal recollections of colleagues and former students, reveal a contrast between Garrod's personality as Professor and her behaviour in every other context. In the field she is at ease and gently humorous; reserved but fun. In the Faculty, however, she is described as 'cripplingly shy' – dry, distant, difficult to know." Esta é, sem dúvida, uma característica de muitas mulheres arqueólogas – e não só – que atingiram grande notoriedade nos meios científicos e académicos e que se escudaram atrás da sua obra, como se duma muralha se tratasse, para impedir, quase instintivamente, que a sua vida privada pudesse ser do domínio público. Garrod não é excepção. Gertrude Caton-Thompson descreve-a, "Garrod was only five feet, two inches., with short dark hair and dark eyes; quiet in her voices and movements, she nevertheless combined energy and repose in a way that immediately attracted attention." (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 405). Porém, por detrás desta timidez e reserva, logo numa das primeiras cartas que escreve de França a uma sua prima, esconde-se uma alegria e prazer efusivos pela carreira que queria abraçar, escrevendo "My dear Jean, The last week in France was great fun. It was really almost too moving to be true. You crawl on your stomach for hours... climbing up yawning abysses (lighted only by an acetylene lamp...) and get knocked on the head by stalactites and on the legs by stalagmites, and in the end arrive at all sorts of wonders; bison modelled in clay, and portraits of sorcerers, and footprints of Magdalenian man"... "Comte Bégouen, our host... is a dear, and we also met the Abbé Breuil who... explores impossible caves in a

Roman collar and bathing dress. He got an Hon. degree at Cambridge last year, but more fully clothed.” (SMITH 2000: 131).

Em artigo recente (MELO e CARDOSO 2014) pude comprovar a mesma situação, neste caso para a eminente historiadora e medievalista portuguesa Virgínia Rau. O contraste entre o tom espartano e inescrutável da primeira frase do *curriculum vitae* de Virgínia Rau, na qual apenas menciona o nome, local e data de nascimento, contrasta profundamente com a jocosidade das dedicatórias dos seus trabalhos a Georges Zbyszewski, nas quais revela um profundo humor e a grande cumplicidade que mantinha com este eminente geólogo.¹⁵

Esta é uma realidade que é transversal às mulheres pioneiras em todas as áreas da investigação científica. Margaret C. Root comenta que “Carolyn Heilbrun notes with great analytical astuteness that autobiographies by women such as our first-generation pioneers, born in the mid-nineteenth century, have a narrative flatness that belies their exciting lives: “Above all, in the lives of Victorian and post-Victorian women, the public and private life cannot be linked as in the male narrative. These women are therefore unable to write exemplary lives; they do not have to offer themselves as models, but only as exceptions chosen by destiny and chance.” (2009: 26-27).

Gertrude Caton-Thompson e Dorothy Garrod inscrevem-se inteiramente neste quadro. Margaret S. Drower, a propósito de Gertrude Caton-Thompson, refere que “her autobiography records the friendships, occupations, and pleasures of her daily life as well as her archaeological preoccupations... She confessed to “feminist sympathies”, which led her to prefer women doctors; and many of her close friends were women archaeologists: Dorothea Bate, the palaeontologist and ornithologist, “a really intimate friend”; Mary Leakey, whose work in East Africa she admired; Winifred Lamb, at whose house in Borden Wood with its beautiful gardens she was a frequent visitor; and Dorothy Garrod, in whose company she explores the Paleolithic sites in the Dordogne and whose cave excavations at l’Angle sur l’Anglin she visited in 1950. It was with Winifred Lamb that she had once embarked on a walking tour of the Peloponese...” (2009: 374).

¹⁵ Por exemplo, a dedicatória “Ao grande, ao insigne... ao piramidal déspota S. M. Zby I a mais humilde das suas vassalas oferece” é um bom testemunho desse contraste (MELO e CARDOSO 2014: 541).

Por sua vez, Pamela Jane Smith, na recolha exaustiva que fez no arquivo de Dorothy Garrod no Musée des Antiquités Nationales, recolheu os mais variados testemunhos sobre a sua personalidade, como este de uma sua prima “She was eager, fastidious, apparently not robust, but with a clear sense of values... and courage... hence the very strenuous field work [in] – France, Spain, Palestine, Kurdistan... caves and underground rivers’, Garrod’s cousin, Jean Smith wrote in 1968 (Box 72, MAN).” (2000: 132). Ofer Bar-Yosef e Jane Callander recolheram também os testemunhos de Mary Kitson Clark e de Jacquetta Hawkes (em solteira Hopkins), ambas alunas de Dorothy Garrod, e com vívidas memórias das campanhas em que participaram sob a sua direcção em Mount Carmel, Palestina. Segundo estes investigadores Kitson Clark comentou que “She knew when the girls were bringing the baskets to her, just by the look of things she was handling, that the stratification had changed” e ainda “I remembered her saying how she liked Proust.” (2009: 396). Transparece do testemunho de Mary Kitson Clark e de Jacquetta Hawkes uma sensação de camaradagem, de alegria na vida quotidiana da escavação, em que, findos os trabalhos do dia, a timidez e reserva de Dorothy Garrod desapareciam e viviam momentos de relaxamento e partilha, nos quais se falava de música, arte e literatura (2009: 396).

Em 1999, comemorando os trinta anos da nomeação de Dorothy Garrod para a Disney Professorship of Archaeology in Cambridge, William Davies e Ruth Charles editaram a obra *Dorothy Garrod and the Progress of the Paleolithic. Studies in the Prehistoric Archaeology of the Near East*. Coube a Colin Renfrew, então titular da Disney Chair, prefaciá-la, não deixando de salientar que “Dorothy Garrod’s work has a continuing relevance today, which outlives that of many of her contemporaries. It is remarkable, thirty years after her death (and well beyond a century after her birth), that a volume of studies should be dedicated to her memory and to the issues in prehistory which she raised. On reflection it is even more remarkable that her contributions have not been more widely recognised, and that is the first such volume to be published... and so far there are no published biographies devoted to her life and work (where Childe has been subject of at least three)... She illuminated, indeed in some cases she initiated, avenues of research which seem even more clearly today than thirty years ago to address some of the central issues of prehistoric archaeology.” (1999: IX).

Gertrude Caton-Thompson e Dorothy Garrod foram pioneiras da

arqueologia, desenvolveram muitos projectos e campanhas arqueológicas em zonas muitas delas até então inexploradas, mas não foram casos únicos. São, sem sombra de dúvida, exemplos de absoluta excelência, mas muitas outras houve e das quais pouco ou nada se sabe... Para Margaret C. Root “Few women archaeologists have until quite recently made it onto the pages of synthetic histories of early archaeology. This tends to be the case even for the very small number of individual women archaeologists who have received booklength biographical treatment” (2009: 27)¹⁶. E é sobretudo no trabalho de campo, na metodologia de escavação que o apagar do contributo das arqueólogas pioneiras é mais marcante. Não nos esqueçamos de que o famoso “método Wheeler”, atribuído a Sir Mortimer Wheeler, era inicialmente designado “método Wheeler-Kenyon”, referência a Dame Kathleen Kenyon¹⁷, pioneira da arqueologia e responsável, entre outros projectos, pelas escavações em Jericó da British School in Jerusalem. Com o tempo “apagou-se” o nome Kenyon do “método Wheeler”. A “lixiviação” da memória destas pioneiras, o seu pseudo-isolamento científico que as apresentam como casos únicos, sem continuidade e passagem de testemunho entre gerações mereceram a Margaret C. Root o comentário de que “it would be impossible to create an adequate history of archaeology that systematically weaves the pioneering women into its fabric *without* addressing issues of the intimate history and personal identity of the protagonists. This is in large part because their social displacement had to be extraordinary in order for them to become players in the field... their contributions cannot be fully gleaned without appreciation of the challenges these women faced simply in order to be there at all, to be heard at all.” (2009: 15).

Começamos pois a ver que, ao contrário do que se pode depreender da história oficial dos primórdios da Arqueologia enquanto disciplina científica, foram muitas as mulheres arqueólogas a trabalhar, desde o início e nas mais diversas áreas. O seu papel no desenvolvimento da disciplina e a divulgação das suas obras “foram-se apagando”, estrate-

¹⁶ Exemplos recentes são a publicação, em 2005, da obra *Discovering Dorothea: The Life of the Pioneering Fossil-Hunter Dorothea Bate* da autoria de Karolyn Shindler e, em 2008, *Dame Kathleen Kenyon: Digging Up the Holy Land* de Miriam C. Davis.

¹⁷ Kathleen Kenyon publicou, em 1952, a obra intitulada *Beginning in Archaeology* que é um manual completíssimo e com quatro capítulos dedicados ao trabalho de campo, suas problemáticas e especificidades.

gicamente, com o passar do tempo e as suas vozes silenciadas... Porquê? Para Ruth Behar “Women writing self-reflexively are condemned as emotional and pejoratively female; men’s work that is packed with heroic navel-gazing is considered good exposition simply because it conforms to the established hegemonic code of authorial voicing and pseudo-objectivity. This gendered hierarchy in scholarly writing also operates in archaeological circles – even today.” (*apud* Root 2009: 27). Recuperar os seus contributos e resgatar as suas vozes do silêncio a que foram remetidas é missão urgente.

A tarefa principal, em meu entender, é revelar um facto sempre omitido – estas mulheres pioneiras da arqueologia, não só nunca estiveram sozinhas, como mantiveram, entre si, laços de cooperação científica e relações inter-pessoais próximas e, nalguns casos, de profunda amizade. Mantendo-nos no círculo restrito das duas protagonistas seleccionadas como exemplo – Gertrude Caton-Thompson e Dorothy Garrod – verificamos que a geóloga Elinor Gardner que acompanhou Gertrude Caton-Thompson no levantamento de Fayum e nos trabalhos do oásis de Kharga, também colaborou com Dorothy Garrod no projecto de Mount Carmel, na Palestina. O mesmo se pode dizer relativamente à paleontóloga Dorothea Bate, amiga íntima de Gertrude Caton-Thompson, que colaborou com Dorothy Garrod em Devil’s Tower, Gibraltar e Mount Carmel, Palestina. Mary Leakey (em solteira Nichol) desenhou a indústria lítica para a publicação de Gertrude Caton-Thompson *Kharga Oasis in Prehistory* e contou ainda com a colaboração de Kathleen Kenyon na elaboração da obra *Zimbabwe Culture*. Por seu lado, Dorothy Garrod que manteve sempre uma forte ligação à França e escavou com Germaine Henri-Martin e Suzanne Cassou de Saint Mathurin o abrigo Roc-aux-Sorciers, em Angles-sur-l’Anglin, guiou Gertrude Caton-Thompson, em 1950, na visita que esta fez às escavações e numa viagem à Dordonha. E, se formos desenrolando todos estes nomes esquecidos alguns, esbatidos outros, verificamos que foram muitas as pioneiras da arqueologia e da pré-história que se aventuraram por paragens inóspitas e desenvolveram trabalho de campo de excepional qualidade.

Para Margaret C. Root “Any woman of this era who ventured into the archaeological field was clearly a radical nonconformist. The personal histories and motivating forces leading to such nonconformities were, however, highly individual. Some of the pioneer women were feminists or at least had connections to feminists and to the

suffrage movement” (2009: 19). Esse foi, sem dúvida, o caso expresso de Gertrude Caton-Thompson, bem como da sua professora e colaboradora de Flinders Petrie, Margaret Murray. Outras, como Dorothy Garrod ou Kathleen Kenyon, foram senhoras dos seus destinos, como o disse, aliás, Dorothy Garrod, respondendo ao comentário da sua aluna Lorraine Copeland que tinha tido sorte, “pas de la chance, c’est courage et persévérance.”¹⁸ (BAR-YOSEF e CALLENDER 2009: 414).

A invisibilidade e o silêncio pautaram o passado e o presente das pioneiras da Arqueologia e da Pré-história, agora é tempo de resgatar as suas obras e as suas vozes. Nesta breve incursão à vida e obra de duas eminentes pré-historiadoras britânicas vemos, com satisfação, que não foram únicas, nem “ilhas” num meio académico e científico preponderantemente masculino. Pelo contrário, foram muitas, dirigiram inúmeras missões e escavações, relacionaram-se e colaboraram entre si e com outras investigadoras de outras áreas científicas, numa activa interdisciplinaridade, tão louvada nos nossos dias.¹⁹ Há pois que resgatar não apenas vozes, mas o coro magistral das nossas antecessoras e... “Antes jorre a equidade como uma fonte e a justiça como torrente que não seca !” (Amós 5: 24.).

Lisboa, 27 de Dezembro de 2015

BIBLIOGRAFIA

- AUSTEN, Jane (1962) - *Northanger Abbey* [Em Linha]. New York: Harcourt, Brace & World [Consult. 29 Set- 2015]. E-book. (The Harcourt Library of English and American Classics).
- BAR-YOSEF, Ofer; CALLENDER, Jane (2009) – Dorothy Annie Elizabeth Garrod, 1892-1968. In COHEN, Getzel M.; JOUKOWSKY, Martha S., eds., *Breaking Ground. Pioneering Women Archaeologists*. Ann Arbor: The University Michigan Press. p. 380-424.

¹⁸ Em francês, no original, “não foi sorte, foi coragem e preserverança.” Tradução da autora.

¹⁹ Estão neste caso a paleontóloga e pioneira da arqueozologia Dorothea Bate (1878-1951) e a geóloga Elinor Gardner (1892-1980) que colaboraram com Gertrude Caton-Thompson e Dorothy Garrod.

- BEAUVOIR, Simone (1964) – *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard. Vol. 1, p. 24-25.
- BUTLER, Judith (2008) – *Gender Trouble. Feminism and the subversion of identity*. Second edition. New York; London: Routledge.
- COHEN, Getzel M.; JOUKOWSKY, Martha S., eds. (2009) – *Breaking Ground. Pioneering Women Archaeologists*. Ann Arbor: The University Michigan Press.
- DAVIES, William; CHARLES, Ruth, eds. (1999) – *Dorothy Garrod and the Progress of the Palaeolithic: Studies in the Prehistoric Archaeology of the Near East and Europe*. Oxford: Oxbow Books.
- DEVER, William G. (2009) – Kathleen Kenyon, 1906-1978. In COHEN, Getzel M.; JOUKOWSKY, Martha S., eds., *Breaking Ground. Pioneering Women Archaeologists*. Ann Arbor: The University Michigan Press. p. 525-553.
- DÍAZ-ANDREU, Magarita; SORENSEN, Marie Louise Stig, eds. (2011) – *Excavating Women. A history of women in European archaeology*. London; New York: Routledge.
- DROWER, Margaret (2009) – Gertrude Caton-Thompson, 1888-1985. In COHEN, Getzel M.; JOUKOWSKY, Martha S., eds., *Breaking Ground. Pioneering Women Archaeologists*. Ann Arbor: The University Michigan Press. p. 355-379.
- EVANS, Judith (1995) – *Feminist Theories Today. An Introduction to Second Wave Feminism*. Londres: Sage.
- GAMBLE, Sarah, ed. (2000) – *The Routledge Critical Dictionary of Feminism and Post-feminism*. Nova Iorque: Routledge.
- GARROD, Dorothy A. E.; BUXTON, L.H. Dudley; SMITH, G. Elliot; BATE, Dorothea M. A. (1928) – *Excavation of a Mousterian Rock-Shelter at Devil's Tower, Gibraltar*. London: Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland.
- GOUDART, Anick (2011) – Archaeology of French Women and French Women in Archaeology. In DÍAZ-ANDREU, Magarita; SORENSEN, Marie Louise Stig, eds., *Excavating Women. A history of women in European archaeology*. London; New York: Routledge. p. 61-85.
- GOUGES, Olympe (1791) – *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* [Em linha]. [S.l.]: [s.l.] [Consult. 29 Set. 2015]. Disponível em ftp://ftp.bnf.fr/004/N0042613_PDF_1_1DM.pdf. Reprodução.
- HARAWAY, Donna J. (1991) – *Simians, Cyborgs and Women. The reinvention of Nature*. London: Free Association Books.
- HUMM, Maggie (1989) – *The Dictionary of Feminist Theory*. Nova Iorque; Londres; Toronto; Sydney; Tóquio: Harvester Wheatsheaf.
- IRIGARAY, Luce (1977) – *Ce sexe qui n'en est pas un*. Paris: Les Editions de Minuit.
- KELLY-GADOL, J. ed. (1984) – *Women, History and Theory*. Chicago: University of Chicago Press.
- JOYCE, Rosemary (1996) – Dorothy Hughes Popenoe: Eve in an Archaeological Garden. In PREUCEL, Robert W.; HODDER, Ian, eds., *Contemporary Archaeology in Theory*. Oxford: Blackwell Publishers.
- MELO, Ana Ávila; CARDOSO, João L. (2014) – Virginia Robertes Rau: uma medievalista na Pré-História. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21, p. 511-546.

- MILLER, Alice (1981) - *Du Sollst Nicht Merken*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.
- NOVA Bíblia dos Capuchinhos (1998). Lisboa: Difusora Bíblica.
- PETÖ, Andrea; WAALDIJK Berteke, eds. (2006) – *Teaching with Memories: European Women's Histories in International and Interdisciplinary Classrooms*. Galway: University of Ireland.
- PREUCEL, Robert W.; HODDER, Ian, eds. (1996) – *Contemporary Archaeology in Theory. A Reader*. Oxford: Blackwell Publishers.
- PRICE, K.M. (2009) – One vision, one faith, one woman: Dorothy Garrod and the crystallization of Prehistory. In HOSFIELD, R.T.; WENBAN-SMITH, F.F.; POPE, M.I. – *Great Prehistorians: 150 years of Paleolithic Research, 1859-2009* [Em linha]. London: Lithic Studies Society. p. 135-155. [Consultado em 8 Outubro 2015]. Disponível em <https://www.academia.edu/469410/>
- RENFREW, Colin (1996) – Foreword. In DAVIES, William; CHARLES, Ruth, eds.- *Dorothy Garrod and the Progress of the Palaeolithic: Studies in the Prehistoric Archaeology of the Near East and Europe*. Oxford: Oxbow Books. p. IX-X.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul (1996) - *Archaeology. Theories, Methods and Practice*. 2nd edition. London: Thames and Hudson.
- ROOT, Margaret C. (2009) – Introduction. Women in the field, defining the gendered experience. In COHEN, Getzel M.; JOUKOWSKY, Martha S., eds., *Breaking Ground. Pioneering Women Archaeologists*. Ann Arbor: The University Michigan Press. p. 1-33.
- SCOTT, Joan, (1986) - Gender: a useful category of historical analysis. *American Historical Review*. 91: 5, p. 1053-75.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky (1990) – *Epistemology of the Closet*. Los Angeles: University of California Press. p. 29-30
- SMITH, Pamela Jane (2000) - Dorothy Garrod, first woman Professor at Cambridge. *Antiquity*. Cambridge. 74, p. 131-136.
- SMITH, Pamela Jane; CALLANDER, Jane; BAHN, Paul G.; PINÇON, Geneviève (1997) - Dorothy Garrod in words and pictures. *Antiquity*. Cambridge. 71, p. 265-70.
- SPENDER, Dale (1980) – *Man Made Language*. Londres; Boston; Melbourne; Henley: Routledge.
- WOLLSTONECRAFT, Mary (1792) - *A Vindication of the Rights of Women with Strictures on Political, and Moral Subjects* [Em Linha]. London: J. Johnson [Consult. 29 Set. 2015]. Disponível em <<http://oll.libertyfund.org/titles/126>>
- WOOLF, Virginia (1931) - Professions for Women. In *The Death of the Moth, and other essays* [Em Linha]. Adelaide: The University of Adelaide [Consult. 29 Set. 2015]. E-book. Discurso proferido na National Society for Women's Service a 21 de Janeiro de 1931.

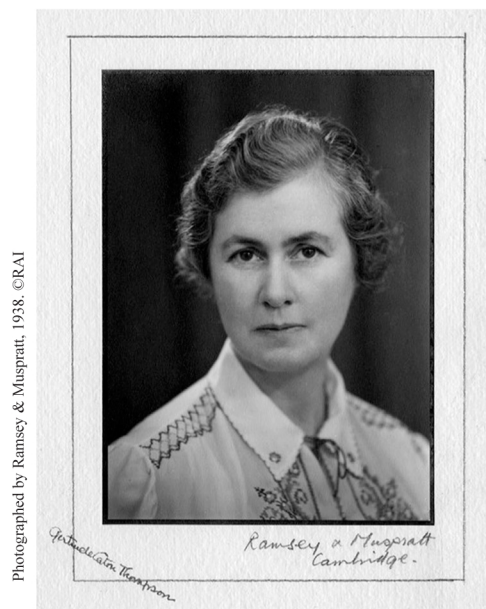


FIG. 1 – Gertrude Caton-Thompson, Cambridge, 1938.
The Royal Anthropological Institute.



FIG. 2 – Dorothy Garrod em Mount Carmel, na Palestina, em 1931.
À sua esquerda Theodore D. Mc Cown e à sua direita Francis Turville-Petre.
(Pitt Rivers Museum, University of Oxford).



FIG. 3 – Dorothy Garrod e Germaine Henri-Martin no abrigo Le Roc-aux-Sorciers.
(Musée des Antiquités Nationales, Fonds Suzanne Cassou de Saint-Mathurin).



FIG. 4 – Dorothy Garrod no abrigo Le Roc-aux-Sorciers.
(Musée des Antiquités Nationales, Fonds Suzanne Cassou de Saint-Mathurin).